

A PRODUÇÃO DO TEXTO ESCRITO NA UNIVERSIDADE: A ESCRITA COMO PROCESSO

Sérgio SIMKA¹

Doutorando em Língua Portuguesa/PUC-SP
Professor da Faculdade de Mauá (FAMA)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo demonstrar como o aluno universitário pode escrever um texto dissertativo, que fuja ao modelo corrente ancorado no produto final. Para tanto, os alunos do curso de Administração de uma faculdade particular produziram um texto do ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) de 2012 sob duas condições de produção distintas: a primeira de forma tradicional e a segunda, conforme as etapas ligadas ao processamento textual. Na análise, os textos escritos no segundo momento apresentaram linearidade, progressão, coesão/coerência e processo reflexivo.

Palavras-chave: Produção textual. Etapas de escrita. ENADE. Ensino.

Considerações iniciais

Nota-se com frequência, na universidade, uma situação corriqueira: quando aos alunos é solicitado que escrevam sobre determinado tema, estes se lançam à tarefa escrevendo o que normalmente vem à cabeça, sem que o objeto de suas preocupações – o tema, no caso – passe por um crivo analítico-reflexivo.

Em outras palavras, os alunos estão acostumados a escrever à medida que as ideias vão surgindo e, na maioria das vezes, sem se importar com a forma de organização do texto.

Parece-nos que essa prática de redigir encontra-se atrelada a uma concepção de texto entendido como produto acabado, que deve ser analisado sintática ou semanticamente (KOCH, 2009, p. 14), ou seja, privilegia-se o produto final, não levando em consideração como a pessoa produz o seu texto, isto é, não é ensinada a concepção de texto considerado, de ponto de vista de seu processamento, como processo.

É necessário, portanto, mostrar aos alunos não só uma “nova” concepção de texto, que fuja do senso comum segundo o qual este se configura em um amontoado de frases, mas como “o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2009, p. 33), como também esclarecê-

¹ Endereço eletrônico: ssimka@globo.com

los de que o texto precisa passar por uma série de operações específicas, os chamados processos de planejamento, na abordagem de Hayes & Flower (MOLITOR-LÜBBERT, 2009, p. 124-125), até chegar ao produto final.

Os alunos precisam perceber que, para escrever um texto de cunho dissertativo, em que se pede uma opinião do redator, é necessário que ele não apenas tenha ideias a respeito, como também possa desenvolvê-las linearmente em um texto escrito. A fim de desenvolvê-las competentemente, faz-se necessário saber selecioná-las e articulá-las mediante um plano textual que possa refletir um posicionamento crítico por parte de seu produtor.

Para que, então, os alunos possam ser apresentados a uma nova concepção de texto, tomado como “um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos e das referências dos textos” (CAVALCANTE, 2013, p. 19), torna-se premente que os alunos também sejam apresentados a uma nova metodologia de redigir um texto.

Portanto, este artigo tem como objetivo demonstrar, por meio de etapas ligadas ao processamento textual, como a pessoa pode escrever um texto dissertativo, submetendo-o a um processo reflexivo, ausente nas aulas de redação, e organiza-se em três seções: na primeira, apresentamos a atividade que serviu de *corpus* para este estudo: a “Questão discursiva 2”, extraída do ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes), ano de 2012, proposto ao curso de Administração, cujo tema é a violência na atualidade, solicitando aos alunos que o desenvolvessem dentro da “prática de redação” a que estão acostumados, ou seja, a produção do texto como produto.

Na segunda seção, descrevemos a apresentação dos alunos à nova concepção de texto, à nova maneira de produzi-lo (explicitação das etapas do processo de escrita) e à aplicação dessas etapas ao novo texto a ser escrito após a compreensão e sistematização. Na terceira seção, procedemos a uma análise comparativa entre o primeiro texto produzido e o segundo, discriminando-se os avanços obtidos perante o novo modo de escrever um texto dissertativo.

Fundamentação teórica

Especialistas como Edwards e Maloy, Calkins, Serafini, Krashen e Hayes e Flower (citados por PASSARELLI, 2012, p. 144) são unânimes em apontar a escrita como um processo. O estudo de modelos (MOLITOR-LÜBBERT, 2009, p. 121-165) evidencia que o

ato de escrever não consiste em simplesmente criar um texto do começo ao fim, mediante um fluxo linear e plano.

Com efeito, o ato de escrever, dentro da perspectiva aqui assumida, recai no processo que leva ao produto final (CALKINS, 1989, p. 26), o que implica afirmar que o ato de escrever obedece a distintas “etapas”. Essas etapas serão discriminadas na segunda seção do presente artigo.

O texto é aqui considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais (BEAUGRANDE, 1997, p. 10). Nessa perspectiva, a escrita se traduz numa atividade que vai demandar do sujeito-produtor a utilização de várias estratégias (KOCH; ELIAS, 2010, p. 34), entre elas:

- Ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa;
- Seleção, organização e desenvolvimento das ideias;
- “Balanceamento” entre informações explícitas e implícitas; entre informações “novas” e “dadas”;
- Revisão da escrita ao longo de todo o processo.

Primeira seção: o ENADE

A prova de Administração do ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) de 2012 é composta por 35 perguntas de múltipla escolha e por cinco questões discursivas. Foi proposta aos alunos do 6º. semestre do curso de Administração de uma instituição de ensino superior particular, localizada no ABC paulista.

Optamos por apresentar aos alunos a questão discursiva 2, pois o tema nos pareceu mais pertinente ao público-alvo, ou seja, como os alunos se encontravam no 6º. semestre do curso de Administração, as demais questões discursivas se referiam a tópicos que ainda seriam objeto de aula, por apresentarem questões mais pontuais e mais dirigidas aos conhecimentos específicos do curso.

A questão discursiva 2 é assim reproduzida:

QUESTÃO DISCURSIVA 2

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como o uso de força física ou poder, por ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico,

desenvolvimento prejudicado ou privação. Essa definição agrega a intencionalidade à prática do ato violento propriamente dito, desconsiderando o efeito produzido.

A partir da definição formulada pela OMS, redija um texto dissertativo a respeito da violência na atualidade. Em sua abordagem, deverão ser contemplados os seguintes aspectos:

tecnologia e violência; (valor: 3,0 pontos)

causas e consequências da violência na escola; (valor: 3,0 pontos)

proposta de solução para o problema da violência na escola. (valor: 4,0 pontos)

Fonte: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2012/01_ADMINISTRACAO.pdf

Escrevemos na lousa a proposta acima. Pedimos aos alunos que redigissem um texto dissertativo a respeito do tema da maneira a que estavam acostumados, visto que sabíamos que a prática vigente de escrita se encontrava atrelada ao produto textual, sem passar por um questionamento crítico em relação ao tema.

Em outras palavras, a estratégia de escrita que a maioria dos alunos tem desenvolvido consiste na prática de pôr as ideias no papel à medida que estas surgem à mente, sem que essas ideias sejam colocadas à prova por um processo crítico-reflexivo, uma vez que “se o elemento do pensamento é a palavra, então o pensamento passa a ser uma organização linguística, e o intelecto passa a ser o campo onde ocorrem organizações linguísticas” (FLUSSER, 2011, p. 51).

Pedimos, portanto, que desenvolvessem, em uma aula, o tema acima do ENADE. Tivemos o cuidado de perguntar se todos se encontravam a par a respeito da concepção do texto dissertativo, o que a maioria respondeu afirmativamente.

Segunda seção: as etapas do processo de escrita

Na aula seguinte (o componente curricular que ministramos era às segundas-feiras), explicamos como se desenvolve um texto dissertativo pela perspectiva do seu processamento, ou seja, essa perspectiva implica que o produtor do texto considere a escrita como uma tarefa que se realiza em etapas, tarefa essa desenvolvida gradativamente. O produto final é obtido por meio de uma série de operações e que para cada etapa constitutiva do processo de escrever existem procedimentos específicos (PASSARELLI, 2012, p. 153).

Dessa maneira, expusemos esquematicamente as etapas do processo de escrita, assim resumidas com base em Passarelli (2012, p. 153-175):

1ª. etapa: planejamento

O ato de escrever é precedido de operações como seleção de informações e organização de ideias.

Para o tema proposto, pedimos que os alunos refletissem sobre ele e que uma estratégia pertinente consistia em transformá-lo numa pergunta, de modo que pudessem ter plena convicção quanto ao que pensavam relativamente à questão dada.

Feito o questionamento, a etapa seguinte se refere à geração de ideias. Essa perspectiva proporciona ao redator confrontar-se com as ideias ou as justificativas que tem a respeito do tema, ou seja, em que medida suas ideias sobre o tema se encontram fundamentadas ou respaldadas.

Com base nas ideias levantadas, será feita a organização, que compreende “a seleção do que apresentar maior relevância no referente ao material oferecido pela geração” (PASSARELLI, 2012, p. 157).

Esse material será organizado em um plano textual, como discriminado a seguir.

2ª. etapa: tradução de ideias em palavras

Esta fase se refere à produção da primeira versão do texto, ou seja, é quando as ideias levantadas passam para o papel.

Pedimos que os alunos se atentassem para a organização do texto em unidades de base, ou seja, para cada nova ideia fosse aberto um parágrafo. E que esses parágrafos precisavam vir interligados, de modo que não se configurassem em uma colcha de retalhos, uma vez que o texto é

um continuum em que todas as partes se inter-relacionam. Ao passar de uma ideia a outra devemos estar bem atentos para usar conjunções (“portanto”, “por isso”) ou, melhor ainda, frases de ligação (“depois de ter descrito a vida dos velhos nas cidadezinhas, vejamos agora como eles vivem na cidade”) que ajudem o leitor a seguir o fio condutor de nosso raciocínio e a construir para si um quadro complexo de nosso texto. (SERAFINI, 1989, p. 52-3)

3ª. etapa: revisão e reescrita

Conforme Passarelli (2012, p. 159-160),

a revisão exerce a função de proceder à leitura do material textual produzido, a fim de examinar, detalhadamente, aspectos voltados a: adequação ao que a língua escrita convencionou, exatidão quanto ao significado, e, tendo em pauta o leitor, acessibilidade e aceitabilidade. (PASSARELLI, 2012, p. 159-160)

Nessa etapa, os alunos revisam seu texto e o reescrevem na medida em que detectam algum elemento “fora do lugar” (acentuação, vírgula, palavras repetidas, ortografia *etc.*), ou que a leitura não ocorra fluentemente.

Segundo Passarelli (2012, p. 161), a primeira versão de um texto está mais voltada à gênese das ideias; na fase de revisão, o intuito principal é constatar se as ideias foram expressas de modo organizado, claro e coerente.

4ª. etapa: editoração

Trata-se de uma etapa em que a preocupação é com o leitor.

De acordo com Passarelli (2012, p. 167), a editoração pressupõe alguns cuidados por parte do escritor, em virtude do caráter público, mesmo que relativo, que o texto assume. A autora indica: “Socializar ou tornar público o que foi criado pressupõe dar à produção textual uma forma adequada” (p. 167-168).

Nessa etapa, ao editar seu texto, o produtor revisa-o novamente. Essa etapa consiste no “passar a limpo” o texto rascunhado, com o objetivo de ser publicado ou, mais especificamente, ser entregue ao professor.

Terceira seção: análise dos textos

Nesta seção, iremos proceder a uma análise comparativa entre o primeiro texto produzido e o segundo, após a apresentação aos alunos das etapas do processo de escrita.

No primeiro momento, em que foi solicitado o tema aos alunos, foram redigidos 40 textos.

Esses textos apresentaram, de maneira geral:

✓ paragrafação inconsistente: as ideias foram como que “jogadas” em parágrafos, sem uso de conectores sequenciais. Há textos com dois grandes parágrafos apenas ou três parágrafos;

- ✓ as ideias foram lançadas no primeiro parágrafo e imediatamente desenvolvidas, sem que houvesse uma separação, na medida em que na introdução é comum apresentar tão somente os argumentos que vão ser desenvolvidos posteriormente;
- ✓ explanação simples das ideias, sem que haja uma fundamentação, ou seja, o aluno lança apenas a ideia sem que possa fundamentá-la apropriadamente, evidenciando uma análise superficial da questão, muitas vezes com argumentação sem o aprofundamento necessário.

Já na produção dos textos no segundo momento, praticamente todas as “redações” partiram de um planejamento que foi, inclusive, discriminado antes da produção do texto, em que os alunos puderam materializar o que pensavam sobre a questão por meio de ideias que se ligavam diretamente ao tema. Por isso, a linearidade textual foi obtida graças ao encadeamento dos respectivos parágrafos que, ligados por conectivos ou expressões coesivas, estabeleceram a coesão textual (KOCH, 2009, p. 35-40).

A coerência foi obtida graças à manutenção do tema do começo ao fim, à proporção que os produtores do texto não fugiram ao tema proposto. Embora a noção de coerência aqui usada seja redutora (KOCH, 2009, p. 40), acreditamos que o desempenho dos alunos tenha sido bem-sucedido pelo fato de eles se manterem focados no tema e no trabalho de expansão das ideias, ao longo de parágrafos bem alinhavados.

Mostraram-se, finalmente, capazes de apresentar soluções para o problema da violência, como solicitado no enunciado da questão, por meio de propostas ancoradas em seu conhecimento prévio e projetadas por um processo reflexivo anteriormente inexistente ou não metódico.

Após a redação dos textos, perguntamos aos alunos o que acharam do “método” apresentado, recebendo como *feedback* respostas bem positivas quanto à “facilidade” de escrever um texto dissertativo pela assunção de um modo “diferente” de encarar a produção textual.

Considerações finais

Este artigo evidenciou que escrever um texto dissertativo é fácil na medida em que o produtor do texto adotar como perspectiva a escrita pelo viés do processamento textual. Nesse sentido, as etapas da escrita se constituem como fator fundamental para um melhor desempenho no momento em que se é solicitado a expor um ponto de vista.

Claro está que, sem a contrapartida da leitura, ficamos apenas ao sabor do modelo, do esquema, uma vez que a garantia de um texto benfeito, linguisticamente bem construído, coerentemente articulado, se deve à frequência com que o redator tem com a leitura.

Vemos, assim, que a escrita ainda é um poderoso alento e um sempre bem-vindo convite contra a mediocridade intelectual, sobretudo em época de redes sociais e outros avanços tecnológicos.

Porque, ao escrever, o redator tem a oportunidade de se debruçar sobre seu texto, de se conectar apenas com o seu potencial e o repertório de leituras que deveria alicerçar seu processo de escolarização. Nessa hora, ao menos, ele não está no Facebook (e outras redes sociais) como alucinado, como alienado, idiotizando a si próprio.

Sim, porque ao fazer isso, a pessoa deixa de usar seu tempo para educar-se, de usá-lo com leituras que dignifiquem sua existência e deem sentido a ela. Há perda de tempo inimaginável nessa atividade improdutiva, narcisista.

Porque escrever é ultrapassar-se.

Referências

BEAUGRANDE, Robert de. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Ablex, 1997.

CALKINS, Lucy McCormick. *A arte de ensinar a escrever: o desenvolvimento do discurso escrito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

FLUSSER, Vilém. *A dúvida*. São Paulo: Annablume, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual*. 2ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MOLITOR-LÜBBERT, Sylvie. A escrita como um processo mental e linguístico. In WIESER, Hans Peter; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística textual: perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 121-165.

PASSARELLI, Lílian Ghiuro. *Ensino e correção na produção de textos escolares*. São Paulo: Cortez, 2012.

SERAFINI, Maria Teresa. *Como escrever textos*. 3^a. ed. São Paulo: Globo, 1989.

SIMKA, Sérgio; JÚLIO, Marcos (orgs.). *A prática de produção de textos em sala de aula*. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

SIMKA, Sérgio. Alento contra mediocridade intelectual. *Diário do Grande ABC*, 9 nov. 2014. Opinião, p. 2.

ABSTRACT

This article aims to demonstrate how the college student can write an argumentative text that falls outside the current model anchored in the final product. Therefore, students of Administration course on a private college produced a text on “ENADE” (Performance National Examination of Students) in 2012 in two different production conditions: first the traditional way and the second according to the steps related to text processing. In the analysis, the texts written in the second stage showed linearity, progression, cohesion / coherence and reflective process.

Key words: Textual production. Writing steps. ENADE. Teaching.

Envio: Setembro/2016

Aceito para publicação: Setembro/2016

VERBUM – CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267